

Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIAS



ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
 Com estampilha..... 600 »
 Fóra do reino acresce o porte do correio.
 Pagamento adiantado.
 Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
 Anuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Anuncios permanentes, 5 réis.
 25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
 Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 4 de outubro

A Republica no Brazil

Um dos principaes argumentos dos adversarios da monarchia é que para lançar fóra do throno aquelle que mal governa, se precisa d'uma revolução, e para derribar um presidente da republica, basta uma eleição.

O Brazil protesta agora contra este lemma revolucionario com os lamentaveis successos, que lá se passam.

Para abater o marechal Deodoro houve uma revolta do exercito, e para o Floriano Peixoto não tardou outra, bem condemnavel pelo bombardeamento da capital do paiz pelos proprios nacionaes.

O exercito expelliu Isabel II da Hespanha: veio depois um principe occupar o throno vago a convite de um general: conservadores e republicanos obrigam o rei Amadeu a renunciar á corôa.

A republica é accete por todo o paiz e por todas as autoridades civis e militares.

D'ahi a pouco o exercito destroe a republica.

E' sempre a espada a decidir das nações, dos governos e das dynastias.

Assim pois é prudeute, é melhor não tocar na corôa dos reis liberaes, se não é possivel fundar as republicas com a vitalidade e a solidez necessarias para resistirem e durarem.

O corrigir os vicios das monarchias moderadas devera ser antes o empenho dos bons cidadãos, que o lançar-se nas aventuras das revoluções intempestivas.

Na paz e no socego vai-se fortalecendo o espirito civil, e os principios da liberdade vão produzindo as suas naturaes consequencias—mas se ha luctas, revoltas, visto precisar-se então da força, é este o elemento que se engrandece e predomina.

Deixemos pois á civilização o crear ella mesma as ideias e as instituições, que lhe convierem. E' melhor obter pouco a pouco e de um

modo definitivo do que tentar nma revolução duvidosa, e sem resultados apreciaveis, que quasi sempre serve para dar mais força aos principios contrarios, e retardar o progresso.

As monarchias rasgadamente liberaes, tolerantes, como a nossa, essas, em que não se occulta o despotismo sob as fórmulas da soberania popular, ainda terão muita vida, e um grande futuro.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

A venda da matta

II

Consideram todos a venda da matta municipal, e mais ainda o modo como se vende, um assumpto grave, e digno de prender a attenção publica.

Não se explica como a actual camara ousa um acto tão importante sem a auctorisação do governo, ordenada pelo Codigo Administrativo de 1892.

Estando illegaes as arrematações ficam responsaveis os membros da camara, que as approvaram, por perdas e danos para com o municipio.

III

Repare-se bem—a existencia d'Ovar e d'outras povoações visinhas depende dos pinheiros, que obstem á invasão das dunas, isto é, das areias, que as cercam por todos os lados e avançam até S. João de Cabanos—sem a matta que as suspende, a villa em breve deixaria d'existir com os seus campos.

Por este motivo, e em virtude da lei protectora dos valles, que lhe foi applicada, os terrenos, que a matta occupa, foram isentos da desamortisação dos baldios.

Ainda que n'este ou n'aquelle ponto uma porção qualquer podesse ser vendida sem prejuizo do fim que a resalvou, não era a camara, que podia demarcal-o a seu arbitrio, mas o ministerio competente.

As mattas de pinheiros, que não são arvôres de talhadia, são consideradas como bens immobiliarios—(Cod. Civil, art. 375 e 2:210, comment. de Dias Ferreira, nota), e tanto que os usufructuarios não pôdem vendel-as, nem aproveitar-se senão dos pinheiros que apodrecem ou seccam,—e portanto a camara não podia vender em lotes seguidos a matta sã e vegetante sem estar auctorisada pelo governo—porque a lei administrativa de 1892 lh'o prohibe.

IV

Assim commette um acto legal, e temerario, contra o qual todo o concelho protesta, e sobretudo contra o modo inconsiderado e ruinoso, porque está procedendo nas arrematações, á vista de toda a gente.

Vender por seis o que já foi avaliado por 37 é decerto um mau negocio para o municipio.

Os compradores ou negociantes de pinhaes, que foram examinar a parte ultimamente arrematada, são os proprios que a avaliam, pelo menos, de vinte e seis a trinta contos, e confessam, que não foi vendida, mas antes dada, que ficam por um tostão os pinheiros, quando muitos valem de cinco a oito mil réis!!

Nem podia deixar de succeder assim visto que não precedeu uma avaliação qualquer e se não marcou um preço-limite abaixo do qual nenhum lance devia ser accete. Igualmente convinha, que as arrematações se fizessem por pequenos lotes, e com largos intervallos, e se annunciasssem o mais que fosse possivel.

Nada d'isso se fez, e aquelle feliz arrematante e socios, cujos lances excedem tres contos, pôdem contar com um lucro de 12 ou de 15!

Doze ou quinze contos! Uma rara ventura!

Esses actos provocam os reparos de todos e são bem asperas as phrases por que a indignação publica se manifesta.

V

Nada vale á camara dizer-se auctorisada por um conselho de districto de ha trinta annos; essa auctorisação caducou, seria gracioso e ridiculo invocal-a.

A camara da presidencia de João de Castro pediu ao conselho de districto a licença de vender uma porção da matta com destino a um hospital de cholicos.

Essa licença foi impugnada e trocada por uma subscrição popular. Caducou portanto, e seria curioso, que hoje subsistisse depois das leis que citamos.

Muito menos vale á camara o ter incluido n'um orçamento a verba proveniente de pinheiros seccos e podres no exaggerado valor de 75 contos!!!

E por pinheiros seccos e podres eil-a a vender em lotes seguidos uma grande parte, e a melhor da matta, no sitio onde estava vigorosa, e onde fornece a madeira mais apreciada para obra, onde mais vale!

E vende por 6 o que vale 30! Continuaremos.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

CONFRONTOS

XXXVIII

CARGA D'OSSOS

Como devem ser horriveis as mordeduras do remorso, minando, perfurando a alma do desgraçado vendido, do cynico impudente, do falsario cobarde! Os vis metaes de que eram formadas as libras falsas vindas d'Elvas, decompondo-se pouco e pouco, dão á phisionomia do Carga d'Ossos aquelle ar concentrado, abatido, do criminoso que receia a justiça: os fincos que lhe cavam o rosto, como os regos do chicote da critica, tornam-no sorumbatico.

Como o criminoso homicida, receia-se dos cumplices, dos que o ajudaram em noite clara quando a lua banhava com os seus raios de luz d'um prateado fosco as ruas largas e deixava immersa na escuridão a encrusilhada onde os miseraveis assassinos esperavam a sua victima.

Hoje, ambos, descontentes com a partilha, avaliando-se mutuamente, conhecem-se o bastante para receiarem os punhaes. Descobriu-os uma pequena coisa: ralharam por uma insignificancia: ameaçaram-se de morte e fogem um do outro.

Almas igualmente vis, igualmente más, estão ao lado uma da outra porque as liga a comunidade do crime, o mesmo espirito de roubo, as mesmas tendencias assassinas.

E os remorsos perfurando-lhes, minando-lhes as consciencias gangrenadas, leprosas, envelhecidas, matta-os.

E a sociedade, a louca, que os admirou quando ainda os não conhecia, odeia-os hoje, peza-lhe igualmente o jugo d'ambos.

Um domina pelo dinheiro falso, o outro pelo cacete com a cohorte dos vadios.

Os maninhos largos, extensos, prende-lhes as attenções; roubar tudo e todos é a divisa d'elles como fóra tambem a divisa dos antigos Berlingas e é a do Berlingas actual.

Por isso eu não me posso calar, e, quando a lua vae pelo espaço infinito arrebanhando as estrellas brincalhonas que fugiram para longe, vou, esgueirando-me pelas ruas desertas, pôr, pé ante pé, a minha mão diaphana, fria, sobre a consciencia do Carga d'Ossos e dos seus cumplices, que tremem de mim, que fogem ao ouvir pronunciar o meu nome; que offerecem 6 contos para que a sociedade os não conheça.

A cadeia, a penitenciaria, tendo cá fóra a multidão a apurar

os que outr'ora dominaram pelo dinheiro falso e pelo cacete.

(Do jornal Povo d'Ovar do heroe de S. João, n.º 36.)

Até as pedras

«Ha dias um dos Polonias atacou valentemente com bois e carro as pobres pedras que guarneciam a ponte do Casal. A ponte do Casal, ponte que a ninguém faz mal, como o antigo Zé-Pereira, tem soffrido os peiores tratos durante a gerencia dos limonadas. Uns limitam-se a arrancar a esquadria que guarnecem os muros, outros arrancam-as e levam-n'as para casa.

Foi isto o que fez na semana passada um dos Polonias, pilhado em flagrante delicto.

Para tal raça de gente não ha processos crimes. Podem fazer tudo quanto lhes venha á cabeça, isto quando fór com a camara, porque quando nos negocios entram os particulares, o caso muda de figura.

Quantos individuos são mettidos na cadeia por terem roubado apenas 500 réis!»

(Povo d'Ovar, n.º 134)

E que tal, sr. heroe?

Ao bacharel Fragateiro

II

O bacharel glorificado, no uso da graça, que lhe conferiu o sr. Carneiro, nem porisso se acha mais illuminado—ou a graça não era da efficaz, ou o sr. Carneiro não tinha poder para lh'a conferir.

Antes de se julgar um acto qualquer juridicamente valido, é preciso julgar se está revestido das suas fórmulas e condições legaes—foi o que eu disse, accrescentando, que seria curioso que a lei attribuisse qualquer validade ao que estava illegal.

O repudio legal, o feito dentro do seu praso e antes de accêita a herança, ainda se annulla pela acção ordinaria—mas só nos dois casos de dolo ou violencia, que offendem o acto juridico na sua entidade.

D'aqui faz o glorificado uma trapalhice: para alguma coisa devia servir a glorificação pelo sr. Carneiro.

Desfigura a minha phrase e escreve:—«diz o Lourenço que o repudio antes de se julgar nullo seja julgado illegal.» «Sem commentarios.»

Se o glorificado commentasse, seria a sua propria trapalhice — mas succede que eu acceito a minha phrase ainda mesmo desfigurada.

Certamente, que antes de se julgar nullo um acto como juridico, se deve julgar se está legal, por exemplo, dentro do seu praso.

O repudio illegal, remetel-o para a acção ordinaria, como fez o juiz glorificador, era suppol-o *subsistente*, e só annullavel nos dois casos de dolo ou de violencia. Um erro sem duvida alguma.

Este despacho é da graça do sr. juiz.

Sem mais commentarios.

III

O usufructuario cede ou renuncia o usufructo livremente — mas esse acto não se pratica por um termo como o repudio no livro especial, que para este ha nos cartorios.

Por termo — só no decurso de um processo.

Para ceder ou renunciar é preciso que figure um acceitante na cedencia, e o proprietario na renuncia. E' preciso haver para quem o usufructuario transfira o usufructo — d'aqui não se segue, que não haja para o proprietario a obrigação de acceitar a renuncia — como tu conclues, bacharel.

E esses actos celebram-se por escriptura publica — e não por um termo no livro dos repudios, como ordenou o sr. Carneiro — o juiz glorificador.

Seria curioso, que o usufructuario por um termo, sem citação ou notificação ao proprietario renunciasse ao usufructo, e se demittisse das obrigações que a lei lhe impõe sobre os bens usufruidos. Cod. Civil. Art. 2:221.

Se assim fosse, requeria um termo, que ficava para ali n'um cartorio sem o saber o proprietario, e os bens ao abandono. Inepcias!

Só um bacharel glorificado estará isento de se envergonhar d'ellas; é um privilegio da graça conferida.

Ora, meu amigo bacharel, diga lá as asneiras que quizer em conversa com o juiz glorificante, mas eu não estou para atural-o. — Apenas responderei á impertinencia de que as testemunhas da accusação não podiam ser inquiridas sobre factos allegados pela defeza.

Folhetim da FOLHA D'OVAR

A MUSICA E O SEculo XIX

Entre o som e a alma humana existem relações mysteriosas que tornam a musica commovente e lhe dão o poder de crear emoções mas vagas e indefiníveis. Não é só nos sentidos que ella exerce a sua influencia divina. Excedendo a palavra na força d'expressão dá uma forma, ainda que indeterminada, ás inspirações mais intimas inacessíveis ás outras artes.

Dominando exclusivamente o coração, tudo o mais lhe é extranho. E' o seu effeito, por isso, maior; porque sustenta sempre vivas e palpantes as emoções, mas não as revela, não diz o que são, fal-as suspirar mysteriosamente.

O mesmo som, as mesmas frases podem suscitar muitissimas impressões do mesmo genero; e d'ahi

Os argumentos, onde não é facil encontrar o ponto onde erram, ainda prendem a attenção, mas as trapalhices grossas e ridiculas aborrecem.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

NOTICIARIO

José Ala

Com destino ao Brazil (Rio de Janeiro), partiu na sexta-feira para a capital este nosso dedicado e sincero amigo, empregado, que foi, ultimamente, na repartição de fazenda, em Cascaes.

Sentimos do coração a sua ausencia, e appetecemos-lhe um porvir cheio de rosas de que se torna digno, nas terras de Santa Cruz.

S. Miguel

Este sympathico santinho, o rei dos Anjos... do céu, foi festejado no domingo ultimo, na sua capellita, mas festejado com todo o esplendor...

Leia-se a Chronica.

«A Viuva Millionaria»

D'esta interessante obra, editada pelos srs. Belem & C., recebemos as cadernetas n.º 33 e 34. Agradecemos.

A nova vaccaria

Abre-se hoje no largo de S. Thomé, d'esta villa, uma vaccaria dos nossos amigos, Antonio Farraia e José Alves Ferreira Ribeiro.

Informam-nos estes cavalheiros: que o leite será vendido de manhã á porta do freguez, tirado na occasião, pois para tal fim dois empregados percorrerão com as rézes todas as ruas da villa, Aruella, etc.; e durante o dia estará leite á venda.

Dizem-nos tambem que o preço do leite será muito razoavel.

Não duvidamos do progresso da vaccaria nova, e não duvidamos vista a reconhecida necessidade de um estabelecimento assim e tambem a provada seriedade e boa vontade dos proprietarios.

Não é preciso chamar a atten-

lhe vem o seu caracter particular. Devemos consideral-a como a forma da sensibilidade profunda mas indefinida, na qual se exhala da paixão a que esta tem mais ethereo e divino.

Apropriando-se do sentimento puro desenvolve-o nas suas variadissimas combinações, o concentra, o dilata, o eleva, e lhe faz tomar mil cores diversas. E' como se a nossa alma estivesse sob a influencia d'outra feita som, exaltando-se e gosando de si mesma. Junta-se a tudo isto o incanto das harmonias e formaremos uma ideia do poder d'esta arte consoladora.

Repugnã á sua indole os sentimentos vulgares, o positivo, o util, o sensual. Ouvindo-se com paixão uma das bellas composições dos grandes mestres, como que se sobe a um mundo desconhecido e quasi não sabemos orientar-nos entre as coisas da terra.

Mas entre os que a professam, não são muitos os que assim a comprehendem. A maior parte sente apenas a voluptuosidade do som, ou o prazer da execução e nada mais: entram no templo, folgam de ver as suas pompas e ornamentos,

ção do publico, basta só a noticia da sua abertura.

Brevemente voltaremos a fallar da vaccaria.

Pequenas locaes

Faz-se ou não a festividade ao Senhor da Piedade, no Furadouro? Quem o sabe?

Sim, dizem uns; — Não, secundam outros.

E tudo isto por causa das musicas!

Piquinhas nojentas!

—Partiram para a Lisboa querida os ex.ºs srs. F. Lopes Pinto e José Gomes, acompanhados dos seus respectivos ajudantes!

Que Nosso Senhor os traga á vista dos nossos olhos muito breve.

O Bernardo Barboza foi-se já...

—Communicam-nos do Furadouro que a philarmonica do sr. *Vosevices das Panellas* vae tocar áquella praia nos primeiros domingos d'este mez.

Não nos dão, comtudo, a certeza.

—A *matinée* de sabbado na Assembleia do Furadouro foi soberba.

O nosso querido Gomes, aquelle Gomes aspirante, *aspirando* encantar as encantadoras madamas, recitou uma poesia «O Busto.»

Admiravel! Cumprimentado no fim pelos seus numerosissimos amigos.

Depois... o respectivo copo d'agua.

E o *cotillon* domingo muito bem.

—Recebemos o n.º 13 do «Comercio de Penafiel.»

E' bem collaborado.

—Festejou-se domingo em Vallega a Nossa Senhora do Rosario.

Muito concorrida apesar da festa ao S. Miguel, no mesmo dia, cá na nossa querida terra.

—O *high-life* da nossa Costa vae retirando; Ovar anima-se.

Não tem experimentado melhoras sensiveis o nosso amigo João d'Oliveira Gomes.

Sentimos.

—Tem passado bastante incommodado o pae do nosso bom amigo Francisco Balreira.

Do coração desejamos as melhoras.

—Retirou do Furadouro, acompanhado de suas ex.ºs filhas o sr. Domingos Luiz da Silva, de Oliveira de Azemeis.

—Tambem se retirou do Furadouro o nosso amigo dr. Amaral, acompanhado de sua ex.ª familia.

—Retirou para Estarreja o sr. dr. Manoel Barbosa, irmão do nos-

so amigo Francisco Joaquim Barbosa de Quadros.

—Para o Furadouro partiu o sr. Luiz Ferreira Brandão e familia.

—Para Aveiro seguiu acompanhado de sua extremosa mãe, D. Maria Castro, o nosso sympathico, velho e gordo amigo José Vidal.

—Chegaram do Furadouro o ex.º dr. Sobreiras e familia, e Eduardo Ferraz e familia.

—Tem estado entre nós o nosso patricio e proprietario em Lisboa, José Rodrigues Tarujo Sampaio.

Companhia Real

Recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor:

Peço-lhe para que no seu jornal promova uma campanha a favor dos povos entre Aveiro e Porto que muito lucrariam se a Companhia Real dos Caminhos de Ferro conservasse as carruagens de 2.ª e 3.ª classe nos comboios de mercadorias, porque tirando-se as carruagens a estes comboios ficam os povos d'esta zona por mais de 10 horas em comunicação com o Porto. O comboio da manhã interessa a quem tem de tratar de negocios em Aveiro, principalmente nas repartições publicas, pois que o comboio mixto chega áquella cidade pelas

Espero que o sr. redactor fará as considerações que julgar convenientes, não esquecendo que a Companhia, só tem a lucrar em que os comboios transportem tambem passageiros.

A.

São tão justas as razões apresentadas n'esta carta, que nós pedimos á Companhia Real que tome na devida consideração o pedido n'ella feito, visto que tem tudo a lucrar.

Ahi fica o pedido hoje, e brevemente tornaremos ao assumpto porque n'elle se interessa tambem a nossa villa.

«O primeiro livro das creanças»

A já excellente colleção de obras que os srs. Guillard, Aillaud & C.ª tem editado, com applicação á infancia, acaba de ser enriquecida com um novo livro cuja utilidade é tal que não hesitamos em o recomendar a todos os que precisem ministrar ás creanças provei-

suas lagrimas generosas e encarnou-se no seculo XIX.

A musica renovou-se com toda a litteratura; tornando-se apta a exprimir os caprichos da fantasia e as profundas emoções da vida, abriu na symphonia uma esfera immensa á liberdade de imaginação e ao genio individual de cada artista.

O lyrico acha tambem na musica um campo vastissimo, onde, como na poesia, pôde derramar os effluvios da inspiração mais intima e original.

Beethoven, espirito energico e grandioso, a fez entrar no movimento romantico; despresou os rigores classicos; creou as frases de que precisava, e abandonou-se aos arrojados da sua imaginação caprichosa.

Ha, comtudo, uma grande distancia entre a musica e a poesia. Esta falla ao mesmo tempo ao espirito e ao coração: põe em acção todas as faculdades humanas: espelha todas as faces do mundo exterior; abrange o real e o imaginario, a razão e o sentimento, o mundo e a vida.

O seculo XIX encontrou na mu-

toso ensinamento, facultando-lhes os primeiros rudimentos de leitura corrente, dispostos de forma que se adquirem salutarees noções moraes a par de um gradual aperfeicoamento.

Essa obra tem o titulo que encima esta local e é devida á escriptora franceza Clarisse de Juranville, cujas numerosas produções classicas tem obtido justificado successo.

O texto, constituído por historietas moraes e lições de coizas, é escripto de forma que a principio as crianças encontram as syllabas das palavras separadas, o que facilita a leitura, e acompanhado por bellas vinhetas, ao todo 160, no volume que conta 171 paginas, que recreiam a vista e deleitam o espirito.

O custo do *Primeiro livro das crianças* é de 300 réis, cartonado, em todas as livrarias e em casa dos editores, rua Aurea n.º 242, 1.ª, Lisboa.

Nascimento

A ex.ª sr.ª D. Rachel Barbosa, digna esposa do sr. Frederico Abragão, deu á luz na quinta-feira uma creança do sexo masculino.

Aquella illustrada senhora e toda a familia enviamos sinceros parabens.

O nosso jornal

Por motivo de extravio de parte do original para o nosso semanario, só hoje de tarde é que elle pôde ser impresso, sendo por isso distribuido mais tarde contra o costume, falta forçada e imprevista pela qual pedimos desculpa aos nossos assignantes.

E procedemos assim como dever nosso, e mais: para não sermos malsinados pelo publico como o foi o heroe de S. João acabando o seu chorado *orgão* sem ao menos dizer —agua vae...

O que se diz

... — Que o arrematante dos Paços do Concelho procurou o vice, parece que, para revogar o contracto.

... — Que os mesmos Paços do Concelho não serão levantados, pois para isso o vice e a sua gente não tem auctorisação.

sica a arte que mais convinha ao seu genio inquieto, no seu desejar ambicioso e febril. A sociedade oscilla fóra de seus velhos eixos. Fermenta-lhe no seio uma vida nova. A intelligencia aneia verdades mais completas e profundas, e lançando-se no mundo desconhecido, debate-se com o mysterio, que envolve todas as coisas. O vago se apoderou de todos os espiritos. A sede de idealidade e de gosos produz uma actividade excessiva, provoca o talento da invenção, anima todas as forças do espirito e da industria, cria, n'uma palavra, os prodigios da arte. A musica inspirou-se d'este estado moral. Admiravelmente constituída para o exprimir tem ella o condão de evocar a nossa sympathia involuntaria. Indeterminada nas suas formas expressivas adapta-se a todos os sonhos da imaginação, a este confuso e doloroso sentir, a este desalento que se não define, a es as aspirações sem limite, que caracterizam a nossa epocha.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

...—Que o vice não diz a razão por que conserva empregados na camara Manoel Lopes Junior e Ramada, quando taes empregos pedidos por meio de duas representações ao governo, foram indeferidos.

...—Que o nosso distincto collaborador politico e litterario, sr. dr. Almeida Medeiros, ri, das *charges* (?) insubstanciaes, baixas, de um tal Fracisco... Fagundas.

... Que o bacharel da *cambrá* promette aos seus adversarios, no *Ovarense*, bengalladas de todos os feitos, mas que não tem a coragem de o fazer, frente a frente, com tanto que não seja rodeado da sua gente e em pleno arraial de S. João.

...—Que o arrais *Ti-Zé* vae ser deputado da Estrumada.

Chegada

Chegou hontem vindo de Lisboa o major Alfredo Campos, commandante do districto de reservas n.º 9 com séde n'esta villa.

Obras

Principia brevemente na igreja o douramento do altar-mór a expensas do digno abbade da freguezia.

A obra foi arrematada pela quantia de 2:150\$000 réis, e deve estar concluida dentro d'um anno.

Inverno

Apesar de estarmos no *Outomno*, tem feito um verdadeiro tempo de *Inverno* estes ultimos dias.

Febres typhoides

Grassam com intensidade nas nossas aldeias as febres typhoides.

O Fracisco e o Zé-Manel

Zé—Sempre fiz outra ideia das suas artes. O seu jogo é estúpido, já o disse á Gualdina.

F.—Estúpido? Você parece-me um pasquineiro.

Zé—Pasquins eram os jornaes que você garatujava—todos elles—e todos se reviram contra você, que é portanto um pasquineiro imbecil.

F.—Você está agora com pretenções a logico?

Zé—Tenho aprendido á minha custa e á sua. Mas olhe: um bigorrihas, que hoje escrevinha louvores e amanhã e-crevinha injurias áquella a quem lambeu as botas, se bandeia ora para estes, ora para aquelles, e se indispõe com uns e com outros, que lhe parece, tolo ou velhaco?

F.—Cá no meu parecer é um velhaco, e dos finos.

Zé—Engana-se, é mais tolo do que patife.

F.—Você não tinha essas ideias... Estou a vêr que falla commigo. Não formava de mim esse conceito...

Zé—Mas fórmo agora, e já o disse á Gualdina. Que ideia faz você de um sujeito sem condições, á sombra das quaes se possa crêr impune, e na primeira vez que se pilha n'um logar qualquer, logo falsifica, atrapalha tudo, e commette umas canalhices arriscadas, ainda zomba e ameaça, e com descaro se apresenta fanfarrão e glorioso? Que lhe parece, não é um tolo?

F.—Tenho as minhas duvidas...

Zé—Quer você dizer que—é mais velhaco do que tolo, mas é tanto

um como outro, quando o escandalado é claro e porco, quando *foi confidenciado*, e todos apontam com o dedo... a rapina e o rapinante...

F.—Desconheço-o, *Zé Manel*.

Zé—Quando as bengalas lhe cahirem na cabeça, não pense que hei de aparal-as n'esta vara, com a qual o acompanhei, dando pancadas de cego—sou parcial e cabeçado pelos amigos, mas não pôde ser sempre, já o disse á Gualdina.

F.—Guarda lá a vara, que eu cá tenho o carvalho cerquinho...

Zé—Olhe, quando um coarde ameaça, é um tolo ridiculo—o que lhe vale é não fazerem caso, nem de você, nem das suas ameaças.

Você passou já a caturra—quando querem divertir-se, açulam-n'o. Você enterrado e preso na lama... sujeito ás vaias... e elles em roda a divertirem-se.

F.—Veremos quem aproveita, se eu com a lama, se elle com as vaias...

Zé—Olhe, as tolices teem mais importancia que os tolos, da pessoa d'estes ninguem faz caso, mas as tolices podem ser funestas.

F.—Para os outros...

Zé—Para todos—e talvez muito mais para você—como agora m'está parecendo, e o mesmo parece á Gualdina.

F.—Cale-se; olhe que eu ainda hei-de dar-lhe um brinde... Oh! que ares perfumados! que saudavel cheiro vem da matta!...

A revolta do cara-de-pau

O povo foi ameaçado com armas, com os *pinheiros pequenos*, com os carvalhos cerquinhos, se ousasse oppôr-se ao negocio mais ruinoso para o concelho; e quem ameaçou, nega as ameaças, — é mais uma trapalhice.

Ao menos temos este *pratinho* — é o que se ganha.

CHRONICA

S. MIGUEL

Para aquelles que não gosaram as grandes festas realisadas no sabbado e domingo ultimo, em homenagem ao S. Miguelinho, n'aquelle largo tão conhecido e antigo com o mesmo nome, n'aquelle largo, passeio favorito da «grande roda» d'esta terra, encanto dos poetas, viveiro de borboletas doiradas, jardim de ha tantos annos invejado pela belleza e vigo e variedades das suas... flores, para aquelles, repite, que se deixaram ficar no ostracismo, contentando-se a ouvir de longe o estrondo dos foguetes, e o classico zé-pereira, eu vou dizer-lhes as grandes coisas que nunca vi, que se passaram, e que jámais propheteizei, adivinhando já o pezar, o arrependimento de taes preguiçosos.

Eu que me tenho na conta de um calculista afamado, tambem errei, tambem fiquei maravilhado com os festejos ao Santinho-rei, como nunca.

E veja-se porque. Na noite de sabbado—primeira maravilha!—uma noite boa, quente, uma illuminação compacta, muito clara, por todo o largo, illuminação prussiana, d'um effeito assombroso; concorrência espartosa (00020 pessoas); uma musica, a musica do Luiz, d'aquelle *maestro* tão sabedor, tão pedante como qualquer *Charcot* ou Frei das Dôres.

A capellita de S. Miguel, no meio do largo, vestida com riqueza—tanto exterior como interiormente, o altar-mór e unico um primor, bem illuminado, as floritas de lindissimas côres, os santinhos

com lindos enfeites, com a carinha a reluzir, tal foi o brio, o gosto raro dos seus festeiros, trez meninas frescas, alegres, boas, muito formosas, muito agradaveis, que só ellas, as tres feiteceiras—sem allusão a ti, ó feiteceira-amada!—davam vida á festa, alegravam os devotos que iam depositar na salva de prata o seu vintemsinho, e faziam algumas vezes, pelos seus olhares cheios de doçura e meiguice e innocencia *babar* muito menino bonito...

Até eu, até eu *babei-me* duas vezes—tambem só duas...—por causa d'aquelle rir jovial, cheio d'atracção d'aquelle *trindade!* (Bem-dita, sempre bem-dita sejas, ó Mãe de Deus, por mandares a este mundo anjos tão papudos, tão feiteceiros!)

Continuando. O meu prezado *maestro*, o Rossini vareiro, de batuta em punho (e elle que possui uma mãozinha tão mimosinha!) regendo a aria «Voserices», a aria que o immortalizou quando em pleno theatro da Estrella, discursava á plateia, apresentando a sua obra musical e revellando-se então um orador como qualquer Pinheiro Chagas, o meu caro Luizinho agradecia, rindo, ao *seu povo* as manifestações sympathicas e espontaneas de que era alvo pelo seu talento musical! Até o João Pastor o abraçou!

(Ditosa terra que tens filhos tão illustres, tão sabios como—heroes de S. João, Frei das Dôres, e mano Frei dos Apostolos, Charcot e Voserices).

O arraial terminou a hora alta da madrugada, quando tudo dormia, e quando só tu sonhavas commigo, duvidando talvez do meu *casto amor*—ó minha feiteceira!

* * *

Não foi inferior o dia seguinte, um bello dia, cheio de sol, convidativo. De manhã a grande missa acompanhada pela orchestra italiana sob a regencia do Rossini vareiro. Ouvi-o cantar.

Um tenor consumado! Nem o nosso patricio Francisco Andrade, nem os grandes tenores de que hoje só restam as suas memorias.

O S. Luiz Rei de França, aquelle santo sympathico pelo bem torcido do bigode, vaidoso, muito serio, no seu andar, olhava o seu collega, em parte, Luizinho, rei dos musicos, e com um leve aceno de cabeça, para não cahir a corda d'oiro, crivada de brilhantes, significava-lhe assim o muito prazer e o alto apreço em que o tinha.

Não que *aquelle* tenor, tão doce, tão melodioso nas notas, fazia adormecer um S. Luiz, e punha em correria desabrida os innocentes bois que pastavam lá longe, na quinta dos Arallas! Imagine-se por aqui o pulmão do *maestro tenor!*

O corpo da capella occupado por homens, meninos, velhos e velhas, mas o numero superior era de gentis meninas, das taes borboletas doiradas, das taes flores bellas, vigosas e raras...

E eu que sempre gostei de contemplar flores d'estas, tão raras, tão bellas e tão vigosas, já que não posso aspirar o seu sagrado odor, lá estava na sua frente magnetisado por tantos olhares candidos, e não só por isso como dormitando languidamente embalado pela voz sonora, cheia de doçura do meu tenor, d'aquelle *maestro* inequalavel.

Ai, como elle cantava tão bem, tão bem... e o Frei das Dôres a fical-o, muito satisfeito, com a sua enorme pança em descanzo, olhando o céu e o S. Miguel que lhe fez a graça de o ouvir, chamando a embellezar a sua festa a banda do

sôr Luiz, e a orchestra italiana do mesmissimo sôr Luiz!

De tarde, grande numero de gente fidalga, não fidalga e semi-fidalga correu ao arraial e á capellinha, para dar esmola ao santo, vêr o mesmo santo e aquellas tres *santas* que tanto fizeram peccar essa mesma gente!

Só eu, eu o mais devoto de S. Miguel e das festeiras, passei o tempo na contemplação estatica d'uma deusa que dançava no ar ao som da aria «Voserices» que o coiza do Rossini regia de batuta.

Noite fechada, o largo despovoadado, uma grande tristeza no peito da *trindade-feiteceira*, eu choramingando e pedindo mais festa, as flores bellas, raras e vigosas pedindo ao Altissimo e ao S. Miguel mais cinco réis de divertimento, e este santo garoto a rir de vontade e segredando baixinho:—«para o anno, vizinhas queridas. Para o anno, se o Jayme, esse vosso sincero amigo, fôr ainda d'este mundo, o que duvido, e estiver pelo ajuste de vos acompanhar á minha santa morada!»

A festa passou alegre como alegre é o largo de S. Miguel, o viveiro das borboletas doiradas, o jardim das mais bellas e raras flores, o encanto dos poetas, o passeio favorito da «grande roda» da terra, o retiro mais confortativo para as almas arrastadas pelas mais desoladoras paixões e a sepultura dos anjos da terra, a minha sepultura emfim...

Cantae agora, os responsos, raparigas! Cantae em quanto eu choro de saudade, senão de desespero por me vêr só, muito só, entregue a ti unicamente—ó minha feiteceira!

Jayme.

Chronica do Furadouro

4—outubro—93

Meus leitores:

Verdadeira monotonia, uma monotonia de arreljar um parceiro a que se sente n'esta praia, agora que todas as familias, o *high-life*, retiram para os lares queridos; e demais a mais para imprimir um tom mais triste a este estado aborrecido a chuva continúa.

Nem já no grande salão da Assembleia se gosa da animação de ainda ha pouco tempo, já pelas suas abobadas não ecçdam as notas sentimentaes, impregnadas de suavidade, do bandolim de Dias Simões, nem a voz avelludada, d'um timbre severo, do Bizarro.

Os grandes recitadores que fariam inveja aos primeiros da Europa—M. Barbosa, José Vidal e José Gomes—abandonaram, todos saudosos, esta querida praia, a rainha das praias, cançado provavelmente n'esta occasião o cerebro estudando muito...

Agora os grandes *cotillons* morreram, morreu a animação, morreu tudo; mas eu ainda vivo pesaroso e triste e melancolico, bem-dizendo o mez querido que lá vae e esperando no que hade vir, se Deus Pae de todos lá me deixar chegar.

O movimento geral da praia paralisado, talqualmente como no Brazil, com a differença de a paz aqui e guerra n'esse mundo da banda di lá.

A pesca tem sido diminuta infelizmente para os commerciantes e mais para a classe piscatoria.

No Hotel do Cerveira conservam-se ainda muitos hospedes, e é o que vale para animar a casa do bilhar. Quanto a povinho meudo, da plebe, como lhe chama um fidalgo d'Ovar sem braços e sem instrucção, apenas com grossos cabedoes, esta praia está bem sortida, Deus louvado; mas que tem isso para mim se já não danço *co-*

tillons, se não extasio o ouvido com recitação de poesias, se não colho termos bombasticos áquelles dos mais piegas *dandys*, se não admiro olhares tão arrebatadores das grandes e formosas damas, se não escuto, occultamente e distrahidamente, as conversas, as criticas, o espirito (!) de muitas senhoras, emquanto se dança, canta ou toca? Ora... E talvez amanhã se despeça d'aqui a illustre familia Nobre composta de quatro senhoras muito agradaveis, illustradas, que mais se salientaram nos salões do Furadouro, cada uma no seu genero—na dança, no canto, na execução de piano, e na recitação.

Especialmente em piano nunca ouvi nem vi tocar melhor, com tanta precisão, graça e facilidade.

Mas como a praia morreu com a ausencia do *hyg-lif*, tambem eu vou morrer, terminando esta chronica escripta a lapis e com lagrimas...

Zezinho.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

D. Joanna Gomes Dias Ferreira de Aguiar Huet de Bacellar e Gonçalo Huete de Bacellar Sotto-Mayor Pinto Guedes, agradecem a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de sua chorada mãe.

Furadouro, 28 de setembro de 1893.

REBUÇADOS MILAGROSOS

ATTESTADO:

Pela inspecção da fórmula dos **REBUÇADOS MILAGROSOS** preparados pelo habil pharmaceutico o sr. Manoel Ferreira Mendes, convenci-me de que elles deviam ser de grande utilidade no tratamento dos **PADECImentos PULMONARES ACOMPANHADOS DE TOSSE**. Por isso tenho prescrito estes rebuçados a muitos dos meus doentes, e os resultados obtidos, confirmando plenamente a minha expectativa, animam-me a aconselhar o uso d'este medicamento nas **DOENÇAS DO APPARELHO RESPIRATORIO, AINDA NAS MAIS GRAVES**, em que a **TOSSE** predomina.
Porto, 22 de julho de 1892.

José Rodrigues Leal de Faria.

Bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, medico sub-chefe do serviço de saude nos caminhos de ferro do Minho e Douro, etc., etc.

Pós de carvão, quina, essencia de hortelã pimenta, etc., para limpeza dos dentes.

E. Zagallo de Lima—Praça, 63

CARTÕES DE VISITA

160, 200, 240 e 300 réis

Na Imprensa Civilisação.

A COMMERCIAL

Companhia de seguros contra fogo

Antonio de Souza Campos, com loja de fazendas nas Pontes, d'esta villa, toma seguros contra fogos aqui e no Furadouro.

Preços rasoaveis.

Recebeu grande sortimento de fazendas proprias da estação.

Os preços são baratissimos.

Vejam e verão.

AGRADECIMENTO

Arthur d'Oliveira Muge, Maria José da Conceição Corrêa Muge e Anna de Jesus Ignez de Jesus Muge, agradecem a todas as pessoas que os cumprimentaram e assistiram aos responsos de sepultura da sua sempre chorada filha, neta e sobrinha, Ignez Armanda da Conceição Corrêa Muge.

Ovar, 19 de setembro de 1893.

LIVROS PARA REGISTO DE HOSPEDES

As relações dos mesmos que os proprietarios dos hotéis são obrigados a enviar todos os dias ao commissariado de policia. Vendem-se na

IMPRESA CIVILISAÇÃO

MURICIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA

ARTES E OFFICIOS

A' venda na IMPRESA CIVILISAÇÃO, Pocinha, 73.—Preço 400 reis.

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

Para encomendas
FEITAS PELA
COMPANHIA REAL
DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação
Largo da Pocinha, 73 a 77

PRAIA

FURADOURO

O antigo e acreditado Hotel do Furadouro, abriu no dia 8 d'agosto e fecha a 15 de novembro.

O serviço é melhorado todos os annos, pois que o proprietario não se poupa a despesas para conseguir a commodidade dos seus hospedes.

Preços muito rasoaveis.

Banhos quentes, d'agua salgada e doce.

Café e bilhar.

Completo sortido de bebidas nacionaes e estrangeiras. Vinhos da Vinicola e d'outros armazens.

Ha carros na estação a todos os comboios.

Pedidos ao proprietario

Silva Cerveira,

Ovar.

COPIOGRAFO

De massa branca preparada pelo dr. Bergmann

O unico que até hoje tem dado bom resultado chegando a tirar 100 cópias perfectas.

Preços: formato almasso 1\$800 réis.

Formato commercial réis 1\$500.

Formato meio commercial 800 réis.

Tinta violeta do dr. Bergmann, frasco 200 réis.

Para a provincia accresce 200 réis em cada copiographo e 50 réis em cada frasco de tinta,

A' venda em Lisboa, rua Aurea, 69. Porto, A. J. Fernandes, largo dos Loyos, 44 e 45.

CASA EDITORA

DE
GUILLARD, AILLAUD & C.^a

Rua Aurea, 242-1.^o

Manual do Carpinteiro e Marceneiro

Este Manual que não só trata de moveis e edificios, é um tratado completo das artes de carpinteria e marcenaria, adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc. Tudo conforme os ultimos aperfeiçoamentos que tem feito estas artes.

Esta casa editora animada com o grande exito obtido com a primeira edição que está esgotada, resolveu fazer 2.^a edição ao alcance de todas as bolsas com especialidade das classes operarias e n'esse intuito sahirá a fasciculos.

Este Manual de Carpinteria e Marcenaria contem aproximadamente 580 paginas e serão distribuidas nas seguintes condições:

Assigna-se em Ovar—Casa de Silva Cerveira.

EDITORES--BELEM & C.—LISBOA

A VIUVA MILLIONARIA

ULTIMA PRODUÇÃO DE

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal*, *A Martyr*, *O Marido*, *a Avó*, *A Filha Maldita* e *a Esposa*, que tem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

A fama do admiravel trabalho, que vamos ter a honra de apresentar á elevada apreciação dos nossos assignantes, e cuja publicação está terminando em Pariz, centro principal de todo o movimento literario contemporaneo, tem sido alli consagrada por um exito verdadeiramente extraordinario, que mais e mais tem engrandecido e exaltado a reputação do seu auctor, já tantas vezes laureado. E com effeito nunca EMILE RICHEBOURG provou tão manifesta e exuberantemente os grandissimos recursos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes, excede, debaixo de todos os pontos de vista, tudo o que o festejado romancista tem escrito até hoje, e está evidentemente destinado a tomar logar proeminente entre os trabalhos litterarios, mais justamente apreciados á actualidade.

A empresa, que procura sempre com o maior escrupulo corresponder dignamente ao favor dos seus assignantes espera continuar a merecer o seu valioso auxilio, que mais uma vez se atreve a solicitar.

Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato, representando a

Vista da Praça de D. Pedro

EM LISBOA

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 14 cores. copia fiel da magestosa praça em todo o seu conjunto. Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita que até hoje tem apparecido.

Brinde aos angariadores em 2, 4, 10, 15 e 30 assignaturas.

Condições d'assignatura:—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginaas 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é a custa da Empresa, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

A empresa considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por mais de tres assignaturas.

A commissão é de 20 p. c., e sendo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA, onde se requisitam prospectos

Acceita-se correspondente n'esta localidade.

NOVIDADE

Cerveja DANUBIA e BOCK-BIRR.

Grande sortido de mantas, regatas, plastrons e lavaliers.

Vinhos finos da Companhia e de outros armazens, desde 100 a 1\$500 réis.

SILVA CERVEIRA

LOJA DO POVO

PRAÇA, 63—OVAR

Imprensa Civilisação

DE

MANOEL F. LEMOS

OFFICINA DE CONFIANÇA, FUNDADA EM 1878

73, Largo da Pocinha, 77

(R. de Santo Ildefonso)

R. de Passos Manoel, 192

PORTO

N'esta officina imprime-se com promptidão, nitidez e por preços relativamente modicos, todo e qualquer trabalho typographico.

Facturas, memoranduns, mapps, bilhetes de loja, enveloppes, jornaes de pequeno e grande formato, obras de livro, todos os trabalhos para Associações de Soccorros, etc., etc., para o que ha abundancia de typos communs e de phantasia, bem como variadas e lindas combinações recebidas das principaes casas estrangeiras.

BILHETES DE VISITA a 160 e 200 réis o cento

BILHETES DE RIFA a preços baratos

BILHETES DE LUTO para agradecimento

Enviem-se pelo correio a quem fizer o pedido acompanhado da respectiva importancia.

TEM A VENDA:

RELAÇÕES que os proprietarios dos hotéis são obrigados a enviar com o nome dos hospedes ao commissariado de policia.

LIVROS para registo de hospedes.

RELAÇÕES de novo modelo para receber o juro das inscrições, bem como das obrigações de 4 e meio p. c., etc., etc.

TABELLAS do movimento da população, que os srs. regedores e parochos das freguezias são obrigados a enviar semanalmente para as administrações.

RECIBOS para todas as Juntas de parochia (modelo official).

ARRENDAMENTOS para caseiros e senhorios.

GUIAS para acompanhar a correspondencia official ao correio.

NOTAS de expedição para encomendas feitas pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Fabricam-se CARIMBOS DE BORRACHA tanto para particulares como para repartições publicas, por preços rasoaveis.

Na redacção d'este jornal toma-se conta de encomendas tanto de cartões de visita e rifa, como de outros impressos.

Imp. Civilisação—Rua de Santo Ildefonso, 73-77 (Pocinha)